

bem como do envolvimento da Companhia na produção agrícola e na criação de gado. No Brasil, os jesuítas tornaram-se, assim, importantes produtores de açúcar desde os finais do século XVII e, pelo menos a partir do século seguinte, são já também criadores de gado e proprietários de grandes fazendas. O envolvimento da Companhia de Jesus no tráfico de escravos negros de África para o Brasil resultou de motivações semelhantes: a necessidade de garantir um rendimento regular que permitisse o sustento dos seus membros e a continuação das suas actividades educativas e de evangelização, principalmente em África. Este pragmatismo dos jesuítas está na origem da aparente contradição entre a defesa da «liberdade» dos índios do Brasil e a aceitação da escravatura dos negros não apenas como legítima mas como verdadeiramente indispensável para a sobrevivência das actividades produtivas no Brasil. Para além destas questões, Alden discute ainda, no quadro das actividades económicas da Companhia, os investimentos realizados pelos jesuítas da Assistência Portuguesa não apenas no espaço do Império Português mas também fora dele, no que constitui um contributo absolutamente inovador para a história da Companhia de Jesus em Portugal.

Na última parte deste estudo, Dauril Alden procura fazer o balanço destes dois séculos da história da Assistência Portuguesa da Companhia de Jesus. Num dos capítulos, intitulado significativamente «Por Deus ou por Mamona?» o autor procura desconstruir o mito da suposta riqueza dos jesuítas. Não que não tenham sido cometidos abusos, de poder ou de dinheiro, por parte da Ordem ou de alguns jesuítas, como o próprio autor sublinha, mas, a ser necessário um balanço, a opinião de Alden acerca destes dois séculos de história é largamente favorável à Companhia de Jesus e à obra por ela realizada no Império Português.

Dada a sua extensão, o período de tempo abrangido e a quantidade de questões tratadas, não é verdadeiramente possível dar aqui conta da enorme riqueza deste estudo. Em todo o caso, estamos, sem qualquer dúvida, perante um trabalho de uma erudição impressionante que constitui uma obra de referência indispensável a quem quer que se interesse pela história da Companhia de Jesus - no contexto do Império Português - durante a Época Moderna.

André Ferrand de Almeida

SILVA, Manuel Ferreira da [et al.] - *Hospitalidade com João de Deus no coração da história*. Lisboa: Editorial Hospitalidade; Rei dos Livros, 1994, 307 p.

O quíntuplo jubileu das Ordens Hospitaleiras (1990-1995), Irmãos de S. João de Deus e Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, reuniu-os em jornadas históricas nos dias 6 a 8 de Março de 1992.

As comunicações agora publicadas remetem-nos às várias efemérides que se quiseram celebrar: o terceiro centenário da canonização de S. João de Deus (16 de Outubro), o primeiro centenário da restauração da Ordem Hospitaleira dos Irmãos de S. João de Deus e seu regresso a Portugal, o primeiro centenário da fundação da Casa de Saúde do Telhal, o primeiro centenário da fundação da Casa de Saúde da Idanha e o quinto centenário do nascimento de S. João de Deus.

Os autores desta obra, particularmente o seu coordenador, ao incluírem na publicação as intervenções proferidas naquelas jornadas, entenderam ser oportuno destacá-las com uma titulação que respeitasse a forma e o conteúdo dos palestrantes daqueles dias celebrativos. Daí a razão, oportuna e feliz, de tudo subordinarem à temática globalmente em apreço – Hospitalidade com S. João de Deus no coração da história.

As jornadas, lineares quanto à temática, foram de impacto acrescido para os que nelas participaram. A escolha do tempo, véspera litúrgica de S. João de Deus, e dos espaços, indissociáveis das primeiras fundações da Ordem Hospitaleira em Portugal, conferiram solenidade e predisposição mental para a compreensão da actividade joandeína em território nacional. Esses dois pormenores retiraram às comunicações a densa formalidade que habitualmente acompanha acções desta natureza (simpósios e congressos). Serviram, isso sim, como referências simbólicas, para recriar uma dinâmica interactiva no processo celebrativo.

Dentro dessa envolvimento, a exposição das comunicações, estruturadas razoavelmente, teve-se a itinerários históricos da actividade da Ordem Hospitaleira, inseparáveis de infra-estruturas que serviram de pólos dinamizadores da acção de bem-fazer por todos reconhecida como altamente benemérita (Convento-Hospital S. João de Deus, às Janelas Verdes).

A exposição do A. desta compilação, que marca o início das jornadas, é um texto revelador de pormenores interessantes; de forma luminosa e articulada, transporta-nos agradavelmente para os primórdios da Ordem Hospitaleira em Portugal. O entusiasmo e, possivelmente, a envolvimento do ambiente levou-o a «apartes» que pouco tinham a ver com a economia do desempenho formalmente proposto (Irmã Lúcia; a menção do Buçaco, p. 41).

A tábuia cronológica (p. 80-114), em jeito de sinopse, apresenta-se útil e pedagógica para situar o leitor no percurso histórico de S. João de Deus e da Ordem Hospitaleira a par dos principais acontecimentos eclesiásticos e civis; desses, nem sempre se colhe clareza e objectividade (1521 – Henrique VIII funda a Igreja anglicana, p. 83; o bispo de Lisboa adquire a categoria de Patriarca, p. 99).

O A. de «Heróis e Santos, precisam-se», oferece-nos um texto elogioso, sincero sobre a época de S. João de Deus. A evocação de mentalidades e feitos da época da epopeia marítima obnubilou ligeiramente a figura do santo em apreço. De todos os modos, surpreende positivamente ao contextualizar para o leitor a pouca estima existente pela doença mental daquele período histórico e da forma como associaram João Cidade (S. João de Deus) àquele mundo desprezível.

«A universalidade de S. João de Deus», elaborada a partir duma incursão histórica inevitável, leva-nos a várias vertentes que, no seu conjunto, constitui hoje a centralidade e o carisma dos seguidores do santo de Montemor-o-Novo. A tematização duma abrangência «sem limites», levou o A. a socorrer-se de notícias dispersas conferindo ao texto uma síntese pouco unificada.

«A Igreja no tempo de S. João de Deus» – é um texto globalmente bem documentado, particularmente no que de mais recente se tem publicado sobre esse período histórico. O tratamento da periodização joandeína obrigou a A. a opções em ordem a uma síntese compreensiva e clarificadora daquela época. Do exposto, ressurte-se um ligeiro défice na caracterização e identificação da igreja portuguesa dos séc. XV e XVI.

A palestra sobre «Alguns aspectos da Vida e Ordem de S. João de Deus com incidência militar» move-se em apreciações positivas sobre os passos mais marcantes da vida de S. João de Deus e dos seus seguidores. Adentra-se em aspectos do ordenamento hospitalar do passado, muitos deles ainda ignorados pela ciência histórica. Todos ganharíamos se fôssemos informados dos fundos de arquivo que estiveram na base da presente comunicação (cf. p. 167-169).

«Um Homem de Nome João Cidade...», é um inciso dentro do conjunto das palestras que nos leva às terras do Oriente. Trata-se duma síntese com informações preciosas, elevado sentido crítico e apreço pelo trabalho hospitalar desenvolvido pelos filhos de S. João de Deus no subcontinente indiano. A terminologia, habilmente utilizada, desajusta-se, por vezes, num ou noutro pormenor («congregação religiosa» p. 189; «aquele prelado» (P. Nuno Filipe) p. 194) que, de qualquer modo, não diminui a justeza e elevação da comunicação.

As jornadas, no seu pendor histórico, tiveram na parte final, com a comunicação do A. de «Porque optou Bento Menni pela Psiquiatria com a Fundação da Casa de Saúde do Telhal (1893)» um momento duplamente agradável: por um lado, envolvidos por uma ambiência de densidade histórica onde a comunicação foi proferida (Telhal), sentiram-se os participantes legítimos herdeiros duma tradição hospitalar respeitavelmente inovadora; por outro, e por mérito do conferente, revelaram-se pormenores, amplamente desenvolvidos, há muito guardados no remanso dos arquivos da Ordem Hospitaleira. O entusiasmo do momento não se sobrepôs ao rigor da objectividade histórica. Da leitura atenta, nota-se, isso sim, uma surpreendente intuição para o verosímil de particularidades históricas ainda não de todo esclarecidas.

Nos textos publicados, trabalhados por «gente da casa», propensa no geral para a benevolência, não se nota, regra geral, ausência de espírito crítico e objectividade histórica. Deu-se visibilidade ao percurso histórico da hospitalidade joandeína, colmatando-se com isso um défice há muito sentido pelos que se interessam pela expressão do religioso em Portugal.

Autores e Editores, ao proporcionarem a presente publicação, despertaram novas apetências e, acima de tudo, a possibilidade de se avançar para novas linhas de investigação ligadas ao religioso em Portugal.

*David Sampaio Barbosa*

FILIPPE, Nuno, O. H. - *Irmãos de S. João de Deus: 50 anos de presença em África*. Cucujães: Editorial Missões; Editorial Hospitalidade, 1994. 217 p.

As efemérides jubilares continuam felizmente a estimular produções de síntese histórica, sempre apreciadas por um amplo público, sensível às mais variadas actividades de cultura.

É dentro deste contexto que o A. traz para o público leitor um resumo da actividade da Ordem Hospitaleira dos últimos cinquenta anos em terras do antigo